

# A Avaliação no Ensino Politécnico segundo percepções de professores e estudantes de uma escola estadual

Noemi de Vasconcellos Peres<sup>1</sup> (IC)\*, Aurélia Valesca Soares de Azevedo (FM/PG)<sup>1</sup>, Fábio André Sangiogo<sup>1</sup> (PQ). noemyvasconcellosperes@gmail.com

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas, Campus Capão do Leão. Centro de Ciências Químicas Farmacêuticas e de Alimentos. Campus Universitário Capão do Leão. Prédio 30, sala 213. Caixa Postal 354. Capão do Leão - RS.CEP: 96.010-900.

*Palavras-Chave: Ensino Médio, Politécnico, Avaliação.*

**RESUMO: O ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, EM 2011, REESTRUTUROU O ENSINO MÉDIO QUE TEVE COMO UMA DAS MODIFICAÇÕES MAIS MARCANTES, O MODO DE AVALIAÇÃO. NOTÍCIAS NA MÍDIA REPORTARAM QUE DEPOIS DA REESTRUTURAÇÃO OS ÍNDICES DE APROVAÇÃO AUMENTARAM, NO ENTANTO, PÔDE-SE OBSERVAR E OUVIR QUE ALGUNS PROFESSORES PARECIAM INSATISFEITOS COM O ENSINO POLITÉCNICO, O QUE MOTIVOU A BUSCA POR RESPOSTAS PARA TENTAR ENTENDER ESTE DESCONTENTAMENTO. COMO METODOLOGIA UTILIZOU-SE ENTREVISTAS ABERTAS COM PROFESSORES E QUESTIONÁRIOS COM ALUNOS DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE PELOTAS/RS. OS RESULTADOS APONTARAM QUE OS PRINCIPAIS DESCONTENTAMENTOS DOS PROFESSORES DA ESCOLA PESQUISADA NÃO FORAM EM RELAÇÃO À PROPOSTA DO ENSINO MÉDIO POLITÉCNICO, MAS AO MODO COMO OCORREU A SUA IMPLEMENTAÇÃO, AS DIFICULDADES COM A ORGANIZAÇÃO ESCOLAR E, PRINCIPALMENTE, COM O NOVO MODO DE REALIZAR A AVALIAÇÃO.**

## INTRODUÇÃO

No ano de 2011 o estado do Rio Grande do Sul vivia um momento em que havia uma constante luta contra o abandono e a reprovação de alunos no ensino médio (NASCIMENTO, 2013; AZEVEDO; REIS, 2003). Conforme Azevedo e Reis (2013), em 2011, segundo dados da Secretaria de Estado da Educação do Rio Grande do Sul (SEDUC/RS, 2013), 11,4% dos alunos matriculados abandonaram a escola e 22,3% reprovaram no primeiro ano do ensino médio. Segundo os autores, estes dados motivaram a necessidade de uma reestruturação curricular do ensino médio, denominado de *ensino médio politécnico* (SEDUC/RS, 2011), gerando a modificação da organização atual da escola e certas inquietações aos professores e estudantes de escolas públicas. A reestruturação prevê considerar a sociedade escolar como um todo, percebendo onde cada aluno irá desenvolver seu campo de conhecimento e assim fornecer para ele suplementos suficientes para que tenha um bom rendimento escolar.

Segundo a SEDUC/RS, embora o ensino médio politécnico não profissionalize, ele deve estar interligado com o mundo do trabalho e com as relações sociais:

Do ponto de vista da organização curricular, a politecnicidade supõe novas formas de seleção e organização dos conteúdos a partir da prática social, contemplando o diálogo entre as áreas de conhecimento; supõe a primazia da qualidade da relação com o conhecimento pelo protagonismo do aluno sobre a quantidade de conteúdos apropriados de forma mecânica. (SEDUC/RS, 2011, p.14).

Ainda de acordo com a SEDUC/RS, após o estudo e planejamento da nova proposta pelas escolas, houve a orientação para a implantação e execução nas escolas estaduais do Rio Grande do Sul para o primeiro trimestre de 2012. O currículo foi dividido em dois blocos principais: o de formação geral e o de formação

diversificada, que seriam desenvolvidos por meio de projetos construídos nos Seminários Integrados (SI)<sup>1</sup> que tem dois blocos principais, entre as áreas do conhecimento e os eixos transversais. Segundo SEDUC/RS (2011), as áreas do conhecimento são: Linguagens e suas tecnologias; Matemática e suas tecnologias; Ciências Humanas e suas tecnologias; e Ciências da Natureza e suas tecnologias. Os eixos transversais são diversos, a exemplo de meio ambiente, direitos humanos, cultura, artes, saúde, uso de mídias, etc.

Na reestruturação do ensino médio, além de contemplar os pressupostos de ensino interdisciplinar, contextualizado, sustentada em valores e formação ética, uma das mudanças significativas corresponde à forma de avaliar os estudantes, ao ter como pressuposto a necessidade de avaliar por conceitos, pensando no desenvolvimento autônomo de tal forma que a competição não seja estimulada e contemple o desenvolvimento de um parecer, com base nos objetivos que foram atingidos sobre cada estudante (SEDUC/RS, 2011). Assim, com a reestruturação do ensino médio, os professores se depararam com uma nova modalidade de avaliação nas escolas. A avaliação que antes era expressa por meio de notas de 0 (zero) a 10 (dez), agora é expressa por conceitos, conforme segue<sup>2</sup>:

- **CSA (Construção Satisfatória da Aprendizagem):** expressa a construção de conceitos necessários para o desenvolvimento dos processos da aprendizagem – das Áreas do Conhecimento e na parte diversificada, relacionados no Plano de Trabalho do Professor. É atribuída a cada trimestre e ao final do período letivo. Este conceito ao final do período letivo resulta na APROVAÇÃO DO ALUNO;

- **CPA (Construção Parcial da Aprendizagem):** expressa a construção parcial de conceitos sobre o desenvolvimento dos processos da aprendizagem, embasados na apropriação dos princípios básicos, desenvolvidos na formação geral nas áreas do conhecimento e na parte diversificada, relacionados no Plano de Trabalho do Professor. É atribuída a cada trimestre e ao final do período letivo. Durante o período letivo este conceito encaminha o aluno às atividades de Plano Pedagógico Didático de Apoio (PPDA). Ao final do período letivo, o aluno que recebe como resultado final o conceito CPA em uma Área de Conhecimento está aprovado, devendo realizar o PPDA; o aluno que receber CPA ou CRA em apenas uma Área de Conhecimento, mas com características de dificuldades mais complexas, é considerado CPA, e está aprovado com PROGRESSÃO PARCIAL, devendo realizar o PPDA, construído a partir do parecer descritivo elaborado no Conselho de Classe;

- **CRA (Construção Restrita da Aprendizagem):** expressa a restrição, circunstancial, na construção de conceitos para o desenvolvimento dos processos da

---

<sup>1</sup> O Seminário Integrado (SI) “se organiza a partir da elaboração de projetos nos quais a pesquisa se articula com eixos temáticos transversais vinculados aos projetos de vida dos alunos. Nesse sentido, “a pesquisa socioantropológica é a fonte de informação privilegiada para a organização dos projetos [de estudos], trazendo os dados coletados e trabalhados pelos professores para o desvelamento e enfrentamento da realidade [...]”. No transcurso do trabalho, professores e alunos organizam leituras e desenvolvem caminhos metodológicos de intervenção, possibilitando o diálogo entre os componentes curriculares pelos movimentos que encaminha.” (NASCIMENTO, 2013 p. 23). Assim a pesquisa realizada pelos estudantes e orientada por professores da escola pode permitir abordagens de pesquisa e de práticas interdisciplinares.

<sup>2</sup> Essas informações foram adquiridas com base no Regimento Padrão do Ensino Médio Politécnico (SEDUC/RS, 2012) e, em especial, nos documentos da escola e na conversa com professores da escola pesquisada.

aprendizagem, embasados na apropriação dos princípios básicos, desenvolvidos na formação geral – áreas de conhecimento e na parte diversificada, relacionados no Plano de Trabalho do Professor. É atribuída a cada trimestre e ao final do período letivo. No decorrer do ano letivo, o aluno deve ser submetido a atividades constantes no PPDA. No final do ano, se este conceito (CRA) for atribuído ao aluno em apenas uma área do conhecimento, o aluno é aprovado com Progressão Parcial, ficando em dependência da área. Porém se este conceito for atribuído ao aluno em mais de uma área de conhecimento, determina retenção, e o aluno está reprovado.

O aluno promovido com PROGRESSÃO PARCIAL no final do 1º e do 2º ano será submetido ao Plano Pedagógico Didático de Apoio (PPDA). Ao final do 3º ano, o aluno será encaminhado ao PPDA, na alternativa de Estudos Prolongados. Ao final do ano letivo, o aluno que receber CPA em mais de uma área de conhecimento é considerado com CRA e está reprovado.

Segundo a SEDUC/RS, este novo tipo de avaliação (chamada de avaliação emancipatória) tem eixo no processo de aprendizagem, porque sinaliza os avanços do aluno em suas aprendizagens, aponta no seu processo os meios para a superação das dificuldades e se traduz melhor na oportunidade de refletir e rever as práticas na escola. A avaliação deve estar focada na trajetória de conhecimento do aluno, observar os avanços e orientar meios de superação para as atividades apresentadas, o que permite avaliar de forma emancipatória (COELI *et al.*, 2013).

Ao considerar o contexto apresentado, esta pesquisa teve como objetivo analisar percepções de professores e de estudantes sobre a implementação do ensino médio politécnico, em especial, a avaliação desenvolvida no ensino politécnico de uma escola pública da cidade de Pelotas.

## METODOLOGIA

Este trabalho teve origem na disciplina de *Metodologia da Pesquisa em Educação Química* do curso de Química Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). A opção pelo tema partiu de observações e reflexões realizadas no Estágio Supervisionado II, Estágio Supervisionado III e durante a atuação como bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), onde houve uma interação maior com os alunos e professores da escola. Segundo a vivência nos Estágios e no PIBID, observou-se desaprovação por parte de alguns professores e alguns alunos à nova proposta de ensino, em especial, a avaliação desenvolvida. Nesses espaços se presenciaram relatos de professores descontentes com a reestruturação do ensino politécnico.

Segundo dados da SEDUC/RS, o índice de reprovação e abandono escolar caiu em forma de dados notáveis<sup>3</sup>, após a reestruturação curricular. Também, no ano

---

<sup>3</sup> “Os resultados de 2012, primeiro ano da reestruturação, mostram diminuição significativa nos índices de reprovação. No primeiro ano, no qual foi implantada a reforma em 2012, a aprovação passou de 54,2% para 60,4%, e a reprovação, de 31,1% para 23,7%. No conjunto do Ensino Médio a aprovação passou de 66,3% para 70,4%, e a reprovação, de 22,3% para 17,9%” (SEDUC/RS, 2013, apud AZEVEDO; REIS, 2013, p. 26).

de 2013, segundo Diário Popular<sup>4</sup> (um jornal da região de Pelotas), houve um protesto feito pelos professores e alunos das escolas públicas de Pelotas, contra o ensino politécnico, e foi reivindicado que o ensino médio voltasse a ser como era antes da reestruturação.

Portanto, nesta pesquisa, busca-se entender, com base em percepções de professores e alunos de uma escola pública, motivos da aparente desaprovação da proposta e, especialmente, da avaliação desenvolvida no ensino médio politécnico que, após análise das percepções iniciais acompanhadas na escola (com os Estágios e PIBID), pareceu ser um dos principais motivos do descontentamento dos mesmos. Posteriormente, no Trabalho de Conclusão de Curso de uma das autoras deste trabalho, a pesquisa buscará se estender para outra escola pública da mesma cidade.

No primeiro momento da pesquisa desenvolvida houve a leitura de textos sobre o ensino politécnico e a sua avaliação. Posteriormente, elaborou-se e realizaram-se questões para uma entrevista semiestruturada a professores da escola, onde as perguntas norteadoras encontram-se no Quadro 01. As perguntas foram realizadas na forma de entrevista semiestruturada com 5 professores de uma escola pública estadual de Pelotas que se disponibilizaram em participar da pesquisa. Também se planejou e realizou um questionário aberto com 63 alunos do ensino médio que frequentavam turmas de segundo e terceiro ano da escola (Quadro 02), dos quais 56 alunos responderam alguma pergunta do questionário e os restantes se negaram a responder ou entregaram o questionário em branco.

#### **Quadro 01: Questões norteadoras da entrevista aos professores**

1. O que você pensa sobre a avaliação que é realizada no ensino médio politécnico?
2. Como é realizada a avaliação dos estudantes no ensino médio politécnico na escola?
3. Há diferentes interpretações sobre o modo de avaliar e atribuir os conceitos aos estudantes? Houve discussão (em cursos de formação, na escola, ou outro espaço) sobre isso (a avaliação)?
4. Quais são os pontos positivos e os pontos negativos ao realizar esta avaliação? Comente.
5. Você percebe mudanças nas atitudes ou na postura dos estudantes ao mudar o sistema de avaliação? A mudança no modo de avaliar resultou em consequências para o processo de ensino e aprendizagem? Comente.
6. Você teve ou tem dificuldades para a realização da avaliação do ensino politécnico?
7. Sobre os pontos negativos da proposta do ensino politécnico, em especial, a avaliação, o que poderia ser desenvolvido para melhorar a situação atual?
8. Em agosto de 2013 houve uma manifestação na cidade de Pelotas como intuito de protestar contra a implementação do ensino médio politécnico. Os professores desta escola participaram desta manifestação? Se a resposta for positiva, como foi esta manifestação, vocês foram ouvidos?

#### **Quadro 02: Questões do questionário aos estudantes.**

1. Que série do ensino médio você está?

<sup>4</sup>Jornal do Diário Popular. 2013, Pelotas. Acesso em 18 de outubro de 2014. Disponível em: <[http://www.diariopopular.com.br/tudo/index.php?n\\_sistema=3056&id\\_noticia=NzMwMDU=&id\\_area=OA](http://www.diariopopular.com.br/tudo/index.php?n_sistema=3056&id_noticia=NzMwMDU=&id_area=OA)>.

2. Como funciona o Seminário Integrado na sua escola? Você gosta desta disciplina e o modo como é avaliado na disciplina de Seminário Integrado?
3. Como é feita a avaliação das disciplinas na sua escola?
4. Você concorda com o modo em que você é avaliado? Quais os pontos positivos e os pontos negativos da avaliação que é desenvolvida, segundo a sua opinião?
5. Como você gostaria de ser avaliado?
6. Em agosto de 2013 houve uma manifestação na cidade de Pelotas com o intuito de protestar contra a implementação do ensino médio politécnico. Os alunos desta escola participaram desta manifestação? Se a resposta for positiva, como foi esta manifestação?

Para preservar a identidade das professoras, utilizou-se P1 para o professor 1, P2 para o professor 2, e assim sucessivamente e os alunos foram codificados por A1, A2, A3 e assim sucessivamente. As respostas às perguntas foram agrupadas por similaridade, com base no conteúdo expresso na fala ou escrita dos sujeitos, na busca de atender ao objetivo da pesquisa, sendo selecionados, sistematizados e analisados trechos representativos de escritos/falas dos sujeitos de pesquisa.

### ALGUNS RESULTADOS

No primeiro momento serão apresentados os resultados que se referem à entrevista com os professores da escola pública, após serão apresentadas as respostas ao questionário realizado com alunos da escola.

Na pergunta sobre como foi a implementação do ensino politécnico, uma das repostas que representa a opinião dos professores pode ser apresentada pela fala de P1: *“Este ano (2014) é o terceiro ano que estamos trabalhando com o ensino politécnico, e este ensino foi imposto pelo governo”*. Cabe destacar que apesar de terem ocorridas reuniões com os professores antes de o ensino politécnico ser implementado, a maioria votou contra a reestruturação do ensino médio em Pelotas, pelo fato de muitas escolas não terem estrutura adequada para o ensino politécnico ser desenvolvido de uma forma mais eficiente. P1, acrescenta que *“os professores não tinham nenhum tipo de preparação inicial para trabalhar com este novo ensino que de certa forma era desafiador para muitos professores”*. Os professores da escola ressaltam não terem tido formação para trabalhar com a nova proposta de ensino Porciúncula (2013) relata um comportamento parecido vivenciado na sua escola:

Segundo minhas observações e conversas informais e reuniões com os professores abordando o assunto, percebia-se rejeição por parte desses. As alegações mais fortes eram a falta de tempo para apropriação do projeto e a precariedade do espaço físico e de pessoal que se encontram nas escolas públicas estaduais. Penso que só aceitei a ideia de forma mais concreta e possível após o Seminário Regional em Porto Alegre, promovido pela SEDUC, destinado aos diretores e coordenadores pedagógicos das Coordenadorias Regionais. (PORCIÚNCULA, 2012, p. 27).

Ao questionar sobre a autonomia dos professores no tema avaliação, P2 relatou que o professor tem autonomia de avaliar os alunos e que isto *“não é uma coisa ruim”*, pois se o aluno tem dificuldade ao fazer a prova, ele tem a oportunidade de mostrar que aprendeu fazendo um trabalho, mas o número elevado de avaliações de recuperação é apontado como problema: *“São feitas recuperações das provas ou trabalhos, após isto é feito o PPDA, que é outra avaliação, porém com mais conteúdo (P2)”*. P4 e P5 relataram sobre o número de oportunidades que os alunos têm para

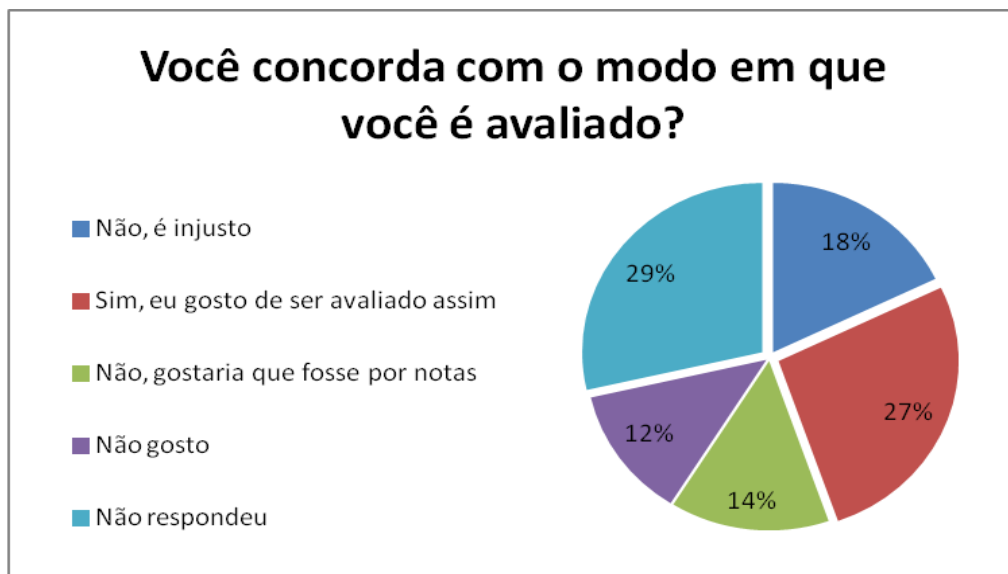
passar, o que faz com que os mesmos não estudem o suficiente para as avaliações e que essa mudança de postura é um ponto negativo da avaliação do ensino politécnico: *“A qualidade no ensino caiu, ainda que haja maior número de alunos aprovados, isto se reflete no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), onde muitos alunos não passaram”* (P5). Segundo Leite e Fernandes (2014, p. 425), o conceito de qualidade no ensino é muitas vezes associado ao índice de aprovação escolar, porém, segundo a fala de P5, há um descontentamento com a qualidade do ensino. Observou-se que há uma ambiguidade na resposta de P5, pois há maior aprovação do ensino médio, porém um descontentamento com a qualidade do mesmo, o que pode resultar em avaliação negativa no ENEM.

Em termos de pontos negativos e positivos P3 relatou que a proposta é boa, porém ela não funciona pelo fato que a escola não tem infraestrutura, faltam recursos para professores, a escola não tem *internet* para desenvolver alguns trabalhos necessários. P4 se posicionou de modo positivo em relação ao ensino politécnico: *“este ensino permite que o aluno aprenda mais sobre o mundo em que está inserido. É um projeto bom [...], porém em termos de interdisciplinaridade isto não acontece, porque se torna inviável ter reuniões e conversas entre as áreas.”*.

Quando perguntados sobre as dificuldades enfrentadas pelos professores, P1, P2 e P3 relataram de forma unânime que o ensino médio tem muita burocracia, muito preenchimento de papéis: *“se o aluno roda temos que explicar e justificar o fato deste aluno ter rodado. É mais fácil aprová-lo”* (P1). A *“burocracia”* pode ser importante para apresentar o que realmente o estudante não atingiu dos objetivos propostos pelo professor. No entanto, ela pode estar contribuindo com a diminuição do índice de reprovação, tendo em vista que as condições de espaço e tempo para realizar a avaliação formativa continua a mesma, pois não aumentou a carga-horária disponível aos professores para a realização da nova modalidade de avaliação, bem como a escrita do parecer, o diálogo entre colegas, entre outros.

Os professores entrevistados, ao vivenciar a proposta do politécnico, denotam ser favoráveis com a proposta teórica da reestruturação do ensino médio, embora percebam problemas para a sua real implementação, e isto pode ser representado pela fala de P3: *“É uma boa proposta, porém não estávamos preparados para receber este novo ensino, não temos infraestrutura, nem preparação aos professores”*. Já P5 fala sobre a avaliação, completando a fala de P3: *“Com esta avaliação parece que os alunos não estudam mais, muitos trabalhos são apenas recortes da internet. Não há mais uma reflexão”*. P5 destaca que a demasiada flexibilidade na avaliação pode prejudicar aprendizagens por parte dos estudantes. Os professores envolvidos na pesquisa não explicitam rejeições para a proposta teórica, que têm sido avaliada de forma positiva. Entretanto, há indícios de descontentamentos envolvendo com os moldes atuais da avaliação realizada e com dificuldades de organização escolar para o seu desenvolvimento na escola.

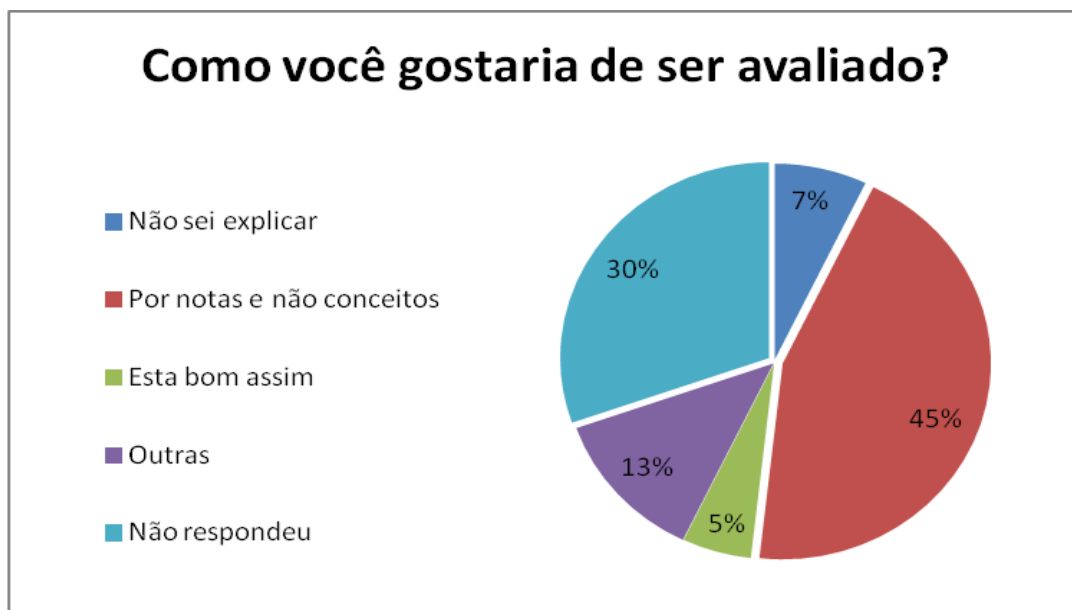
No questionário dos alunos, aos serem perguntados se concordam com o modo em que são avaliados, pode-se ter algumas percepções dos mesmos sobre a avaliação desenvolvida no ensino médio politécnico, as quais, são apresentadas na Figura 01:



**Figura 01: Você concorda com o modo em que você é avaliado?**

Da totalidade, 18% dos alunos responderam que a avaliação do modo em que é feita é injusta, porque o aluno que acerta todas as questões da prova pode ganhar o mesmo conceito do colega que acertou menos questões. Esta desmotivação pôde ser observada pela resposta do A11: *“Não gosto da maneira que as avaliações são feitas, porque, facilitam que o aluno passe de ano, porém não agregam no desenvolvimento do conhecimento. Os conceitos desmerecem o desempenho do aluno, já que CSA é só passar – entre [as notas] 7 e 10 (...)”*, 14% dos alunos responderam que gostariam que a avaliação voltasse a ser por notas, pois assim eles poderiam acompanhar o seu desenvolvimento de forma mais precisa, porém 27% dos alunos falaram que gostam de ser avaliados por conceitos, como a resposta de A27: *“Para mim esta bem, eles dão bastante chances”*. Observa-se uma divisão significativa de opiniões, muitos alunos acham que a avaliação é injusta e gostariam que fosse realizada a avaliação por notas, como era no antigo ensino médio. Muitos alunos falaram em suas respostas que a avaliação desestimula a competição, fazendo com que eles não se importem mais em tirar notas boas, até porque no boletim escolar *“o que fica é o conceito”*.

Quando questionados sobre o modo que os alunos gostariam que fossem avaliados (Figura 02), apenas 5% dos alunos respondeu que *“está bom assim”* e que gostam do modo em que são avaliados (Figura 02).



**Figura 02:** Como você gostaria de ser avaliado?

45% dos alunos afirmou que gostaria que fosse avaliado por notas e não por conceitos (CSA, CPA, CRA). As respostas dos alunos pode ser representa por A50: *“Do modo que esta, tá bom, mas poderia voltar as notas como era antes e eliminar esses conceitos”*. Obteve-se 7% que não sabiam explicar e 13% de respostas que não foram agrupados pela diversidade de respostas, como: *“Gostaria de ser avaliado só com trabalhos individuais”* (A61), *“Com mais tempo”* (A32), *“Que quando fosse CPA, a gente pudesse passar também”* (AB5), e *“De forma justa, nem sempre os professores são justo”* (A43) e 30% não respondeu a pergunta ou a resposta não condizia com o que estava sendo perguntado.

De modo geral, ao analisar todas as perguntas realizadas aos alunos, percebem-se respostas bem divididas, muitos alunos gostam do ensino médio politécnico, gostam da ideia de ser avaliado com provas e trabalhos, porém um grande percentual de alunos está descontente com a avaliação realizada por conceitos, pois consideram ela injusta pelo fato dos conceitos não serem específicos, assim não diferenciando o *“aluno excelente”*, do *“aluno médio”*.

A avaliação no processo educativo pode apresentar diferentes compreensões e concepções aos educadores ou estudantes, o que se reflete em diferentes formas de avaliar e conceber a avaliação (LIBÂNEO, 2013). Essas concepções fazem parte e são construídas no contexto em que o processo avaliativo está inserido, portanto, a avaliação pode ser considerada um tema polêmico que na implementação do ensino politécnico gerou mudanças na organização da escola e dos professores que partiram de políticas públicas estaduais que desconsideram concepções e vivências que faziam parte de reflexões pertencentes ao contexto de cada escola.

No ensino politécnico, há o relato por parte de alunos e professores de que os diferentes modos de avaliação não são suficientes para estimular o estudo. As notas são apontadas como necessárias por muitos alunos que não se satisfazem com a menção de um conceito ou um parecer sobre a aprendizagem. Esses resultados denotam que há necessidade de repensar os objetivos da avaliação, mas os sujeitos, professores e alunos, também necessitariam compartilhar desses objetivos para que as



práticas avaliativas possam ter maior adesão e receptividade. O que se percebe em respostas dos alunos é que estes consideram ser “*injusto*” acertar mais questões na prova ou realizar melhores trabalhos se no conceito final eles têm o mesmo conceito dos colegas que não foram tão bem. Esteban escreve sobre a avaliação, fazendo questionamentos que reforçam posturas de estímulo ao estudo, como apresentado por alguns alunos que fizeram parte desta pesquisa.

Pensando bem, será que todos os estudantes achariam justo que não houvesse algum tipo de reconhecimento do mérito daqueles mais inteligentes, mais esforçados, mais estudiosos? Todos ficariam satisfeitos com a ausência de hierarquia que marcasse a diferença, conferindo status a uns e rotulando outros de menos inteligentes, menos esforçados, menos estudiosos? Olhando por este prisma, talvez alguns sorrisos ficassem amarelados, a resposta fosse menos rápida e contundente. [...] Por outro lado, sem a prova, o que obrigaria os alunos e alunas a estudar? Sem os prêmios e castigos, com seus mil apelidos e disfarces, como garantir a disciplina? Sem instrumentos de avaliação, como garantir que os conteúdos mínimos estão sendo aprendidos, como identificar quem sabe e quem não sabe, atendendo à função de credenciamento assumida pela escola? É. Talvez a avaliação seja um “mal necessário”. Conclusão com que também concordariam muitos(as) pais e mães (ou responsáveis), seja por um argumento ou por outro. (ESTEBAN, 2009, p. 2).

Cabe enfatizar que novas propostas de ensino, como a do ensino médio politécnico, demandam uma maior articulação com os profissionais da escola, nas discussões e orientações, sem considerá-los como meros operacionalizadores da proposta, pois a comunidade envolvida na organização escolar necessita fazer parte e acompanhar as mudanças teóricas que são propostas. Também se compreende, com base em Coeli et al. (2013, p. 48), que:

Vivemos novos tempos em educação, que demandam novas práticas. Ainda que devemos reconhecer os limites, pois como nos diz Perrenoud: “Não há tempo de mudança significativa que não se tenha ancorado em uma visão bastante realista das restrições e das contradições do sistema educativo” (1999, p.11). Para inovar a escola, temos de superar a inércia e o desperdício da reflexão e dar o curso a um novo paradigma no cotidiano do nosso trabalho (COELI et al, 2013, p. 48).

Ainda que esta pesquisa apresente limitações de representatividade de escolas, professores e estudantes, com base nos resultados apresentados, pode-se perceber alguns elementos sobre a recepção do ensino médio politécnico, bem como sobre alguns descontentamentos por parte de professores e estudantes, especialmente, sobre a avaliação desenvolvida. O relato e a análise sobre percepções de professores e estudantes da escola sobre a implementação de uma nova proposta de ensino são importantes de serem conhecidos e problematizados, pois fazem parte da realidade escolar e de contextos de vivência dos professores em formação inicial e continuada que, na pesquisa (como a desenvolvida no componente curricular da graduação), podem qualificar a formação diante de demandas contemporâneas que permeiam a escola (MALDANER, 2003; SANGIOGO, *et al.*, 2013).

## CONSIDERAÇÕES

Ao analisar a entrevista com os professores e o questionário com os alunos, pode-se observar que não houve um descontentamento explícito com a proposta do ensino médio politécnico (como se imaginou no início da pesquisa), mas com o modo de sua implementação, a organização escolar com pouca articulação entre as áreas, e

a avaliação. Os professores relatam que não foram orientados como gostariam, por exemplo, ao trabalhar com o Seminário Integrado e ao realizar a avaliação por conceitos. Os modos como se desenvolveu a avaliação, com a menção por conceitos, não agradou a maioria dos professores e alunos que fizeram parte da pesquisa, e houve certa sintonia entre os sujeitos para que a avaliação voltasse a ser por notas, e não por conceitos.

A proposta do ensino médio politécnico partiu do governo estadual às escolas públicas estaduais. Ela tem objetivo de qualificar a educação básica, no entanto, isso também demanda mudar paradigmas que fazem parte da escola, demandam reflexões sobre as ações e pesquisas que são fundamentais para que se possa repensar e qualificar modos como o ensino e a avaliação desenvolve-se nas escolas públicas (FERREIRA, 2013). Os resultados da pesquisa são iniciais, havendo a necessidade de busca de maior representatividade de respostas que ajudem na análise e compreensão do explicitado nesta pesquisa. Os resultados apontam para problemáticas da verticalização das propostas de ensino junto à escola e professores, o que acena para a falta de política pública contínua para a educação no governo estadual, sendo que os professores e a comunidade escolar pouco participam desse processo, não sendo autores das propostas, embora tenham de instituir as novas determinações (CABRAL NETO; CASTRO, 2011). Sabe-se também que essas mudanças e percepções são importantes de serem conhecidas e problematizadas para se pensar e agir *sobre e com* políticas públicas, cursos de formação de professores e a realidade do contexto escolar.

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, J. C.; REIS, J. T. Democratização curricular do ensino médio. A reestruturação curricular no RS. In. AZEVEDO, J. C.; REIS, J. T. *Reestruturação do ensino médio – pressupostos teóricos e desafios da prática*. 1. ed. São Paulo: Moderna. Fundação Santillana, 2013. p.25-48.
- CABRAL NETO, Antônio; CASTRO, Alda M.D A. Gestão escolar em instituições de ensino médio: entre a gestão democrática e a gerencial. *Educação & Sociedade*, v. 32, n. 116, p. 745-770, 2011
- COELI, A. B. M.; COSTA, J. M.; SANTOS. A. I. C.; MIRANDA, S. A. *Reestruturação do Ensino Médio e Avaliação Emancipatória*. In. GALIAZZI, M. C. (Org.). Cirandar: Rodas de Investigação desde a Escola. São Leopoldo: Oikos, 2013, p. 45-49.
- CAMARGO, D. A. F. *Avaliação do Rendimento Escolar: Estudos e Concepção*. Paidéia, FFCLRP/USP, Ribeirão Preto,1995.
- ESTEBAN, M. T. *Reflexões sobre Avaliação e Fracasso Escolar*. Rio de Janeiro: DP&A, 2009.
- FERREIRA, Vera M.. Ensino Médio Politécnico: mudança de paradigmas In. AZEVEDO, J. C.; REIS, J. T. *Reestruturação do ensino médio – pressupostos teóricos e desafios da prática*. 1. ed. São Paulo: Moderna. Fundação Santillana, 2013. p. 187-206.
- LEITE, C.; FERNANDES, P. Avaliação, Qualidade e Equidade. *Avaliação*, v. 19, n. 2, p. 421-438, 2014.
- LIBÂNEO, José C. *Didática*. 2. ed., São Paulo: Cortês. 2013.

NASCIMENTO, M. E. P. Apresentação do livro. In. AZEVEDO, J. C.; REIS, J. T.; *Reestruturação no ensino médio: pressupostos teóricos e desafios da prática*. São Paulo: Fundação Santillana, 2013. p. 15-24.

PORCIÖNCULA, E. R. M. Minhas impressões sobre o Ensino Médio Politécnico. In: GALIAZZI, Maria do Carmo (Org.). *Cirandar: rodas de investigação desde a escola*. São Leopoldo: Oikos, 2013. p. 26-31.

SANGIOGO, F. A. et al. A pesquisa educacional como atividade curricular na formação de licenciandos de química. *Ciência & Educação*, v. 17, n. 3, p. 523-540, 2011.

SEDUC/RS. Proposta Pedagógica para o Ensino Médio Politécnico e Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio - 2011-2014. Porto Alegre: Secretaria Estadual de Educação, 2011.

SEDUC/RS. *Regimento Padrão do Ensino Médio Politécnico - Parecer CEED nº 310/2012*. Porto Alegre: Secretaria Estadual de Educação, 2012.